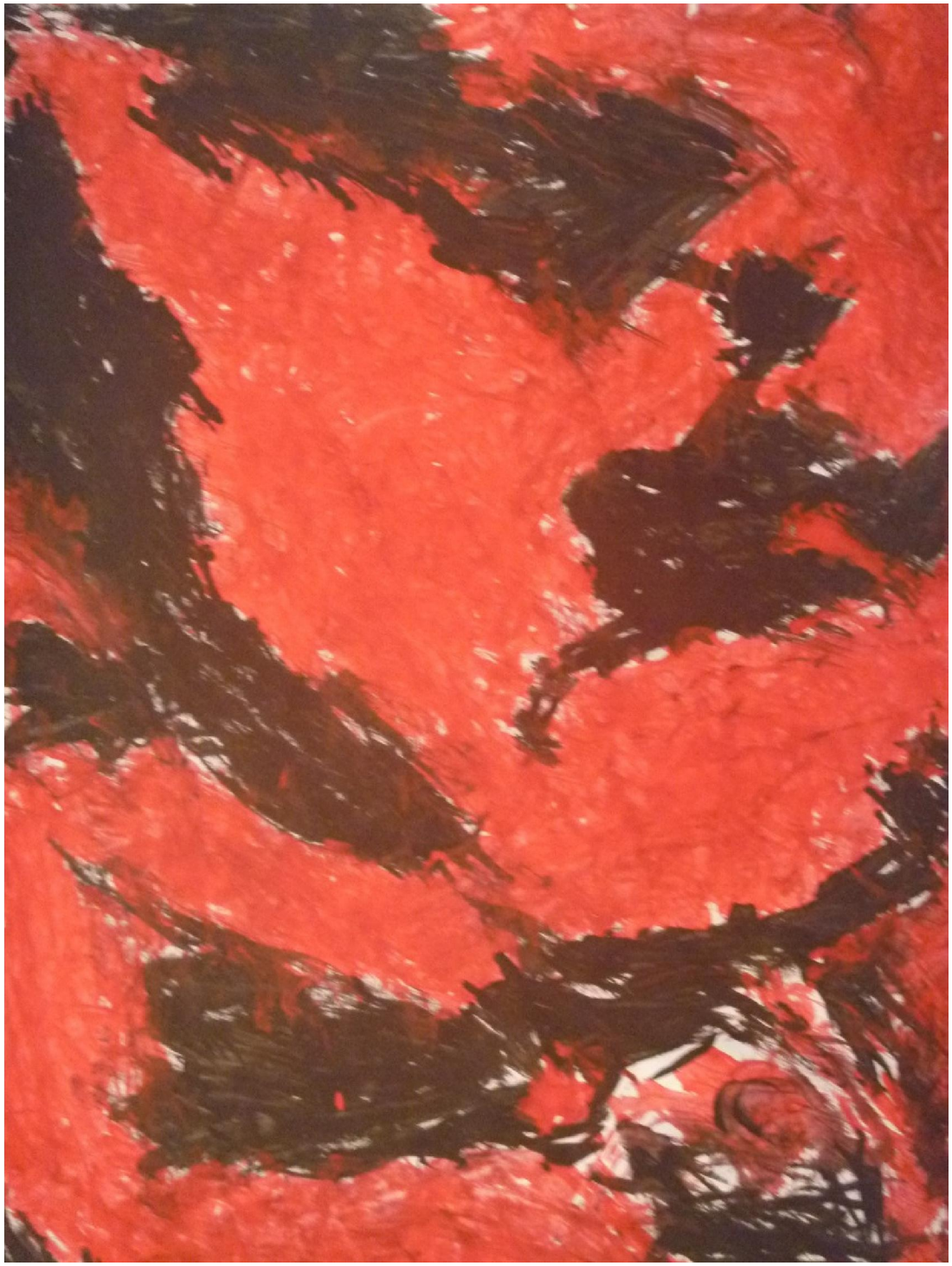

KEPLER RIBEIRO SOUSA

CIDADE ESTILHAÇADA

São Paulo-SP

2014

Sousa, Kepler Ribeiro.

Cidade Estilhaçada/ Kepler Ribeiro Sousa- São Luís.

30 p

1.Poesia brasileira.I. Título

Capa: Led´s Marc

CDD869.91

CDU869.0(81)-1

Ao meu filho Giovanni Reis, constante fonte de inspiração para minhas lutas.

À minha esposa, economista Ana Paula Reis da Silva, por nossa luta diária e por tentar compreender meu lado lúdico.

Aos meus pais, Raimundo Carlos e Marlene Ribeiro Sousa, por terem apresentado a poesia a este humilde ser.

Aos meus irmãos e demais familiares pelo incentivo nesta jornada.

Aos meus alunos, ex-alunos e mestres.

AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Aos meus poucos, mas bons amigos:

César William

Bento Mendes

Danniele Serra

Frederick Brandão

Joel Oliveira

José Patrício Neto

Lucileide Martins

Kênia Batalha

Rosianne Silva de Jesus

Paulo Patrick

Jorberth Nazaré

Juarez Diniz

“ Oh zaratrusta, eis a grande cidade: você aí não tem nada que procurar mas tem tudo a perder. (...) Aqui todos os grande sentimentos apodrecem: apenas têm o direito de fazer barulho os pequenos sentimentos ao ruído seco das matracas!”

NIETZSCHE.

SUMÁRIO

Prefácio 07

I 10

1052 12

RESISTÊNCIA 14

SOBRAS 16

ULTRASSOM 18

SHOPPING 20

II 22

FIM DE TARDE 24

HISTERIA 26

CHUVA 30

OS URUBUS 32

JANELA 34

DESCONEXÃO 36

FLASHBACK DE UM VICIADO 38

PEQUENA POESIA SOBRE O TEMPO 40

PIGMENTO 42

EQUÍVOCO 44

PRIMEIRO DIA DE VERÃO EM SÃO LUÍS 46

URBE 48

SEMÁFORO 50

ARTIFICIAL 52

CANÇÃO KEPLERIANA A UM MUNDO DE POUCOS RAIMUNDOS

César William*

Pouco importa evidenciar agora, se o Brasil só veio despertar literariamente diante da sua realidade a partir de meados do século XIX, se só conseguimos maturidade a partir de 1930 ou se foi a geração de 45 que nos legou mais elevado grau dessa maturidade pós-modernista.

Mas importa e é necessário dizer que continuamos lançando bons literatos e que a poesia vem a tudo resistindo, mesmo diante de tantas imposições aculturadoras, do genocídio memorial e da tecnocracia cega e burra.

O poeta Kepler Ribeiro, com seu livro de estreia, “Cidade Estilhaçada”, vem confirmar essa persistência, legando-nos um punhado de poemas enxutos, concisos, mas bradadores, alardeando a falta de sensibilidade, fotografando destruidores passos do implacável bicho humano.

Sua geografia nos revela um poeta inconformado com a falta de originalidade de um Brasil “agora com poucos Raimundos”, de “soldados esquálidos/ reprimidos/ e sem filosofia.” Esses versos, de um poema intitulado *Desconexão,* expõem a indignação do autor quanto à falta de brasilidade, assunto tão debatido por Mário de Andrade e seus pares, há quase um século, porém tão presente e desafiador.

Essa inquietação de Kepler Ribeiro o insere no rol dos poetas engajados, revelando um vate denunciador das mazelas do seu tempo, sensível sem ser piegas e também sem apelar para o panfletarismo. Atraído por letreiros de neon, faixa de pedestres, lixões e por gotas d’água caindo no asfalto, suas lentes captam uma urbe sofrida em meio à indiferença humana.

E é com esse olhar que Kepler iça a cidade adulterada, violentada pelos diluidores que a todo instante inauguram nela uma passarela para o caos. Alheio a rimas ou a arquétipos forjados para tentar transcendentalizar sua estética, o estreante está mais preocupado em denunciar, em expor seu canto de paz contra o vazio que preenche o homem no pó da sua pós-modernidade, a ter que expor habilidades em trabalhar signos que subvertam em vão a linguagem, embora sendo possuidor também de ferramentas que moldam e remoldam a palavra.

Isso é bem visível no poema *Os Urubus,* em que parodiando Raimundo Correia, com dupla intenção: homenagear o maranhense parnasiano e dizer que nossas pombas são outras, em diálogo que traz à tona os lixões da nossa São Luís, registrando que “não há coração no urubu/ apenas a necessidade de ser aquilo que é”. O elemento urbe está contido no elemento urubu e ambos estão intrinsecamente ligados com o propósito da denúncia urgente.

Dessa forma, o autor transfere não só sua dor de observador, mas traduz a dor do que capta que não é mais nem humano nem bicho - lembrando Manuel Bandeira, mas um objeto, um ser não-ser, fruto da combustão do egoísmo desmedido, da desigualdade social, fábrica de homens urubus. O poema é fruto do polifonismo, recurso empregado em quase toda a obra,

Que este primeiro livro seja apenas um convite para outros que hão de surgir, confirmando que São Luís é mesmo terra de poetas, sobretudo de poetas preocupados com suas raízes, confinados a cantar e a preservar sua terra natal que chega, ainda que tão golpeada, aos seus 402 anos de existência.

---

*Poeta, professor e pesquisador.